

A (DES) CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES: uma releitura moderna e clássica da teoria social
THE (DE)CONSTRUCTION OF IDENTITIES: A Modern and Classical Reinterpretation of Social Theory

André Luiz Abrantes Oliveira¹

RESUMO: Este artigo discute as diferentes formas de como as identidades são constituídas na teoria social tomaremos como análise os grupos étnicos dos ciganos da cidade de Sousa-PB. Nossa análise se desdobra a partir da obra e pensamento de W.E.B Du Bois (2021) e de autores cujas obras tem uma teoria sólida acerca do que é identidade e as suas múltiplas nuances como: Hall (2006) e Bauman (2005). O uso do estudo bibliográfico, irá permitirmos confrontarmos os diferentes pontos de vista a respeito das diferentes constituições.

Palavras-chave: identidade; diferença; ciganos.

ABSTRACTT: This article discusses the different ways in which identities are constituted in social and theory, presenting not only their constructions but above all their differences. For this, we will analyze the ethnic groups of the Roma in the city of Sousa-PB. Our analysis unfolds based on the work and thought of W.E.B. Du Bois (2021) and authors whose works provide a solid theory about what identity is and its multiple nuances, such as Hall (2006) and Bauman (2005). The use of bibliographic study will allow us to confront the different points of view regarding the various constitutions.

Keywords: identity; difference; Gypsies.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, analisa como se dá o processo dos diferentes modos de como são construídas as identidades, na teoria social clássica e contemporânea. A proposição inicial parte de uma indagação de que as identidades perpassam todo o campo das ciências sociais, nesse sentido, o *corpus* de análise se baseia em uma análise bibliográfica a respeito da temática trazendo como elemento de exemplificação os conceitos de identidade que estão ligados a obra de de W.E.B Du Bois (2021) e de autores da teoria social contemporânea que discute a problemática das identidades. Discutiremos as ideias de W.E.B Du Bois para pensarmos as identidades étnicas, sobretudo as ciganas. Nesse contexto parto de uma análise inicial da conjuntura social de uma comunidade de ciganos *Calon*, situada no município da cidade de Sousa-PB.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo programa de Ciências Sociais PPGCS-UFRN. E-mail: andreabran2012@hotmail.com

Em contraponto as outras construções identitárias que recaem sobre as noções, do que é ser cigano e de suas identidades, mas esses processos recaem e são construídos pelo olhar do outro, que o define e também os estigmatiza. Esses discursos se tornaram presentes em nosso contexto social, produzidas pelo discurso preconceituoso de uma sociedade não cigana, sobre os mesmos ainda se configura como uma imagem preordenada e organizada, por pessoas que enxergam esse grupo étnico como o “outro”. Esta pesquisa bibliográfica a respeito das construções indenitárias tem um condão de corroborar, para pensarmos sobre as possibilidades de fronteiras fluidas existentes na cultura, sobretudo nos estudos que aborda os estudos de grupos étnicos.

DE IDENTIDADES E DE DIFERENÇAS

No livro *As Almas do Povo Negro*, obra de W.E.B Du Bois (2021), o autor retrata a trajetória, a cultura e a luta dos negros nos Estados Unidos após a abolição e a Guerra Civil americana (1861-1865), apontando como a sociedade da época de base escravocrata foi substituída pela violência do racismo, no seu entendimento essa consequência gera exclusão de grupos sociais dos espaços públicos comuns a todos. O contexto da África do Sul, o chamado *Apartheid* é exemplo disso, e o brasileiro pós processo de abolição da escravatura. Esses resquícios do processo de escravidão e de pensamento de subalternidade se constituem até hoje, ser negro é viver uma constante negociação entre as suas identidades e os papéis sociais que assumem na vida cotidiana. Assim a sua obra transporta fronteiras e são bases para pensar a questão da raça, segregação, exclusão, racismo e identidades. Para Du Bois, a escravidão ela é tida como o grande fenômeno capaz de depreciar o homem negro perante a sociedade da época, os problemas enfrentados pela classe negra têm origens nas particularidades históricas. Du Bois aponta dois conceitos para a compreensão do racismo no contexto americano que são véu e dupla consciência. O véu é um termo utilizado para invisibilizar as identidades, sobre quem somos, o fato é que as identidades sejam elas coletivas ou individuais são também construtos carregados pelo olhar do outro. Ao apontar esse termo para se referir aos negros dos Estados Unidos, podemos utilizar esse aporte para pensarmos sobre a

construção das identidades ciganas e sobre o que é ser cigano. Du Bois traz o conceito de dupla consciência., ser negro para este é:

Uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade — é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio. (DU BOIS, 2021, p. 23).

Ser negro, é constituído nesse contexto por uma dupla separação entre a afirmação de quem é e a afirmação do que os outros pensam sobre você. Em um contexto do que é ser negro na sociedade americana num sistema de segregação racial é algo inconciliável e é isso que ele chama de uma dupla consciência. É importante ressaltar que a obra boisianana tem um caráter autobiográfico que a partir da sua própria condição de ser negro e de ter todas as dificuldades de se inserir no mundo dos brancos, nos apontam uma reflexão a partir de uma experiência de vida por ele próprio que pode ser compreendida dos processos de que as questões de raça estão ligadas a outros marcadores de diferença como a questão da sexualidade, raça no contexto do capitalismo. A importância da obra de W.E.B Du Bois (2021), nos traz ideias e concepções para entendermos não só a sociedade norte americana, mas também a africana, a caribenha e sobretudo a brasileira. Se tornando um dos maiores legados do século XX. O seu pensamento, alarga para a condição e construção histórica e identitária do que é ser negro e os limites impostos por uma sociedade racial que se constituem como um fato marcante nas sociedades que sofreram com as questões do colonialismo. Com isso, faz refletirmos sobre as condições acerca de outros grupos que na atualidade são invisibilizados não por cor de pele, mas por um construto discursivo que os limita e os separa do restante do demais, no caso os grupos ciganos.

A problemática da identidade vem exaustivamente sendo discutida nas ciências sociais em múltiplos contextos, na análise do discurso, antropologia e nas Ciências Sociais como um todo. Nessa égide os trabalhos que condensam essa abordagem moderna se ancora em trabalhos interdisciplinares no campo das ciências humanas em autores como Zygmunt Bauman (2005) que no seu livro *identidade* identifica que esse conceito foi se

construindo ao longo do tempo e vem adaptando as mudanças de sociedade, trazendo o conceito de liquidez, para mostrar que as sociedades contemporâneas tem características de rapidez e mudança constante, e que estas transitam de um ponto a outro, “algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN,2005, p.19) na sua concepção esta surge, sempre quando há uma crise. Este também parece ser uma concepção aproximada de Anthony Giddens (1991), que não traz um conceito liquidez, mas de deslocamento, para o mesmo, o sujeito no mundo moderno, não encontra um eu coerente e fixo, em sua estrutura, há sempre um eixo que movimenta o indivíduo em várias posições, já para Stuart Hall (2006), que analisa os processos de mudança na cultura global e os seus diferentes impactos que o conceito se insere na cultura presente, tanto em um campo macro como as nações modernas como no campo micro que vai de encontro ao local, traz uma leitura ontológica das mudanças pelos quais os sujeitos se constituem culturalmente, suas identidades são areias móveis influenciadas pelo agora.

Benedict Anderson (2004), na sua obra comunidades imaginadas, analisa as diferentes formas de como as nações são imaginadas e construídas pelos discursos, e como estes produzem processos de identificação e representação, este último conceito amplamente discutido por Serge Moscovici (1976) que define as representações sociais como um conjunto de valores orquestrados e absolvidos pela comunidade como um código classificatório, já para Bourdieu (1989), nos apresenta que os indivíduos são classificados por meios de estratégias simbólicas de representação que o sujeito faz e que estas se opõem às classificações impostas pelos outros, soma-se a essas abordagens, os sistemas de classificação, identificação e de fronteiras étnicas Barth (2005) Diante disso, podemos perceber que a problemática das identidades se tornou um tema corrente e recorrente nos inícios século XX e XXI, tornou-se uma avalanche discursiva nos centros acadêmicos. Dito isso, ambos autores, tanto na teórica social clássica quanto a moderna com seus olhares analíticos apesar de trazerem leituras e conceitos distintos sobre a os vários conceitos sobre as origens, características e mudanças na modernidade tardia, são similares ao dizer que a identidade por mais que seja algo pertencente ao “eu”, são construções sociais e coletivas, permeadas por relações de força e poder.

Em uma categorização de como a identidade surgiu e se desenvolveu na contemporaneidade, Stuart Hall (2006), propôs uma classificação temporal de como esta

emergiu e se apresenta no mundo moderno e propõe três classificações ao longo da modernidade, entre estas está a do sujeito do iluminismo que está centrado na concepção da pessoa humana, em uma identificação interior, sem mudanças constantes no interior do grupo, as identidades não são mutáveis e móveis, diferentemente das concepções do sujeito sociológico que a partir do século XVIII, vai se constituir numa relação entre nós e eles, que com o advir das transformações ocasionadas pela sociedade capitalista, dos seus meios de produção e de transformações nas relações de trabalho, propiciou uma relação de interações constantes.

Ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribuir para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2006, p.12) O fato de projetarmos as nossas identidades culturais estas acabam sendo confrontadas com as mudanças que surgem, desarticulando o sujeito a sua estrutura e com as rupturas e espaços temporais ocasionados pela pós-modernidade. Dentre os efeitos que propiciam essa transformação se encontra os relacionados aos da globalização, momento no qual a identidade se se torna uma celebração móvel (HALL, 2006, p.13). São essas questões que constituem o sujeito pós-moderno, um sujeito líquido e flutuante, sem apego a elos pertencentes ao passado. Passado este que se constituiu como alicerce de construções de pertencimento e identidades, dos indivíduos com seus grupos sociais, não foi gestado experiência humana cotidiana, e sim uma cria do Estado Moderno, que buscava obediência dos sujeitos afim de garantir as suas estruturas institucionais, o seu poder de selecionar, segregar, foi preponderante para a construção da unidade do país Bauman (2005). A construção da identidade nacional, ela se constitui, como uma evocação ao passado, algo que se personifique em uma natureza mítica, que evoca um passado que façam com que os indivíduos se identifiquem culturalmente e socialmente, a exemplo disso, as jihad islâmicas que evoca um passado de lutas, para justificar as presentes guerras que estão participes, em um contexto da cultura nacional, há o índio brasileiro, exaltado com figura mítica e símbolo de beleza nacional.

As identidades nacionais buscam nas suas origens e mitologias elos de ligação entre o passado e o presente, bem como os povos tradicionais e os grupos étnicos, como os ciganos que resgatam nas suas narrativas, um elo com um passado longínquo sobre o

modo de viver nômade, Goldfarb (2010). Em conjuntura, as identidades nacionais Benedict Anderson (2008), discorre as diferentes das formas como elas foram pensadas e instituídas, mas mesmo assim nem todos os sujeitos conhecem e partilham da mesma identidade nacional. Além do apego ao passado mitológico em que estas se ancoram, as tradições ligam os sujeitos há vínculos de identificação, tornando estas a símbolos nacionais como os kilts escoceses, que remetem há um passado longínquos, mas que na verdade são construções recentes, produtos de invenções, as próprias tradições são construções inventadas Hobsbawn & Ranger (2006), como elos de apego e de identificações, esse processo tende a esvaziar, perder força em virtude de novos processos globais que encurtam as relações espaço e tempo, onde a globalização desestabiliza as identidades, lembremos como afirma Giddens (1990) que a modernidade são inerentes ao processo de globalização.

Ao encontro disso torna-se plausível entender que as identidades culturais estão sendo constantemente negociadas e renegociadas, com grupos que se veem de algum modo sendo deslocados para outras regiões e nações diferentes das suas de origem, caso se exemplifica nas dificuldades de grupos étnicos paquistaneses de se adaptarem na Noruega, e de como isso se torna um problema para as diversas formas de como suas famílias se apropriem de uma cultura diferente da sua, com nos diz Barth (2005). As identidades estão sendo constantemente sendo negociadas, e construídas assim como “a cultura está sempre em fluxo e em mudança” (Barth, 2005, p. 22). Nesses processos constitutivos da identidade, ser paquistanês, argentino, brasileiro ou qualquer outra construção de nacionalidade não é apenas uma construção pessoal do seu “eu”, é um construto somático daquilo que falam sobre você, as falas se homogeneízam em estereótipos e os paquistaneses que habitam a Noruega, são estereotipados por outros membros da sociedade norueguesa. Afinal, quem se importa se você diz que é pathan ou punjabi? Você é um paquistanês! (Barth, 2005, p. 21). Da mesma forma quais importâncias são dadas para os ciganos e suas respectivas etnias, se eles são Sinti, Roma ou Calons? São apenas ciganos.

A princípio a identidade é aquilo que se é, como o sujeito se reconhece enquanto indivíduo, mas também é uma categoria que envolve uma relação entre nós e os outros, de quem está dentro e de quem está fora, Woodward (2009). As identidades são relacionais,

são dependentes de sistemas de representações, dependendo de algo externo para se tornar presente, não há identidade sem diferença (Barth, 2005, p. 22). Ao se caminhar um pouco pelo centro da cidade de Souza-PB, especificamente em locais de movimentação intensa, próximo a restaurantes e feiras nota-se a presença de algumas ciganas ao passar, e isso chama a atenção de olhares, o seu modo de se vestir, aparece como traço definidor pelo olhar do outro no sentido de afirmar quem o sujeito é. Andar pela cidade, observar aparentemente mulheres de vestidos longos pedindo dinheiro, não se configura a princípio ser pertencente este ou aquele grupo, mas ao estar-se em um local, que se configura como cidade dos ciganos, desse modo, sempre haverá suposições subjetivas de que este é pertencente a determinado grupo ou não, uma verdadeira delimitação de quem está dentro e de quem está fora, as identidades são construídas pelo poder de definir e dividir quem está dentro e quem está fora, nesse contexto Silva (2009) afirma que: *Podemos dizer onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas (SILVA, 2009, p. 81)* . Com isso podemos entender, que existe uma relação interdependente em que uma depende da outra, para coexistir, e essa produção são marcadas por relações de poder, em que muitas vezes as ações definidoras sobre os sujeitos sempre são permeadas de depreciações sobre o outro. Afinal quem são os ciganos? Em uma análise referendada a partir do próprio grupo, Patrícia Goldfarb nos diz que:

Os ciganos compreendem grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes, embora no imaginário nacional sejam representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, frutos de representações que os ligam ao nomadismo. (GOLDFARB, 2010, p.165)

Essa representação de nomadismo, que vive de um lugar para o outro, são concepções construídas e analisadas pelos que não são ciganos e que também são construções utilizadas pelos próprios ciganos como elementos definidores de uma identificação coletiva e diferenciadora sobre os demais, isso tudo se ancora em um processo de lembranças e rememorações presentes em sua memória coletiva sobre o passado, mas adiante a autora nos diz que:

Em busca dos elementos constitutivos da identidade cigana, verifiquei que o período nômade vivido pelos grupos, bem como as imagens que circulam em torno deste, é extremamente importante por ser um elemento constante nas definições do “ser cigano”. E falar de passado é falar de tempo, um tempo que não existe mais de fato, mas continua a existir na memória dos ciganos (GOLDFARB, 2010, p.166)

É interessante a ressalva de que a memória como elemento indissociável e suporte fundamental da identidade, retém as informações sobre si e seu grupo, o que possibilita uma identificação cultural e uma representação, que é por meio desta que passa a existir. As narrativas sobre as origens são enunciadas a partir de um elo que remete a diásporas, o que “ocorre uma associação da fé com a etnicidade” (GOLDFARB, 2010, p.170). Em uma análise de uma entrevista, sobre o passado como elemento da identidade entre os ciganos Calons na cidade de Sousa-PB da referida autora, Goldfarb (2010), ao entrevistar um indivíduo denominado “L” de 78 anos, narra a seguinte passagem.

Os ciganos são pessoas sempre muito humilhadas, mas muito protegidas por Deus, pois nós amamos muito a Deus, todos os ciganos. Porque os ciganos, nós somos definidos como pessoas assim, de vida errante. A diferença de quem é cigano e quem não é, é porque o outro povo vivia de morada e os ciganos vivia andando perambulando pelo mundo, era essa diferença, compreende?

Esse trecho possibilita compreendermos que as identidades não podem ser compreendidas fora do sistema simbólico e discursivo, porque ao afirmar-se como andarilhos, e não ter um natural fixo de pertencimento, não é algo que sempre exista anteriormente. As construções discursivas nos embasam na construção de um outro olhar, que são também definidores sobre o que é ser o outro, as identidades carregam esse traço de definição pelo o outro que fala? Ser cigano remete há uma outra discursividade, se o princípio da identidade é a diferença, está última carrega uma força poderosa de também de construção sobre o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar as identidades, é pensar que elas estão sempre em constante movimento, elas são definidoras de marcas que incluem e excluem os indivíduos numa mesma sociedade ela é uma abordagem teórica e interdisciplinar definidora dos povos e culturas. Sobre tais processos a discussão nos possibilitou compreendermos as diferentes maneiras de como as identidades são (des) construídas, pelos discursos e práticas sociais, o que possibilita visualizarmos as diferentes barreiras e fronteiras existentes da forma como vemos o outro. Essas conotações sobre quem são os ciganos, ou sobre quaisquer povos ou grupos étnicos não se recai pela identificação e afirmação de si por parte do próprio grupo, mas também são construções geridas pelo poder de representar aquilo que julgamos quem e o “outro”.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **COMUNIDADES IMAGINADAS: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2005.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: **POUTIGNAT**, STREIFF-FENART J. teorias de etnicidade. São Paulo. Ed Unesp, 2011.

BARTH, Fredrik. *Etnicidade e o conceito de cultura*, **IN ANTROPOLÍTICA: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, n. 19, (2º. Sem). 2005. pp. 15-30.

BOURDIEU, Pierre. **A IDENTIDADE E A REPRESENTAÇÃO: Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região**. In O poder simbólico. Lisboa. Difel, 1989, pp. 107-132.

DU BOIS, W.E.B: *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Ed: Veneta; 2021.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GOLDFARB, M. P. L. **NÔMADES E PEREGRINOS: o passado como elemento identitário entre os ciganos Calons na cidade de Sousa-PB**. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 19, n. 19, p. 165-172, 2010. Acesso em: 25 dez. 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric & **RANGER**, Terence (orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. (org). **IDENTIDADE E DIFERENÇA: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOODWARD, Kathryn. **IDENTIDADE E DIFERENÇA: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu Da. (org). **IDENTIDADE E DIFERENÇA: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.